



Todos nascemos chorando

Poeta:

*Adormecemos como entramos na vida, inconscientemente,
E, inconscientemente saímos dela, como despertamos.
Quem dorme não sabe o que é o sono,
Quem vive não sabe o que é a vida;
É preciso acordar,
É preciso morrer*

(Silva Ramos)

Keizo: Mestre, existe realmente alguma coisa que podemos esperar da vida?

Mestre Itsuki: Faço-me essa pergunta desde que era jovem, e nunca a respondi satisfatoriamente.

Keizo: Por algum motivo, sempre que estou profundamente deprimido, esse pensamento me ocorre.

Mestre Itsuki: Normalmente tendemos a evitar essa pergunta.

Keizo: Por mais que possamos fechar nossos olhos a ela, chega um momento em que precisamos fazê-la para valer, e, quanto mais cedo, melhor.

Mestre Itsuki: “Quando nascemos, choramos por estarmos chegando/ A este grande palco de bufões.”

Keizo: Shakespere!

Mestre Itsuki: Vejo três verdades inegáveis nesses versos.

Keizo: Quais são?

Mestre Itsuki: A primeira: não podemos determinar nosso nascimento.

Keizo: Não temos o poder de decidir quando nascermos, em que país, em que lar, em que grupo étnico...

Mestre Itsuki: Nem a ocupação de nossa família, que tipo de características físicas ou mentais etc.

Keizo: Confesso que tenho a impressão de que nasci numa época que não era minha, ou seja, não era para minha jornada...

Mestre Itsuki: A segunda verdade é que cada um de nós encontra-se em uma jornada que cada dia se aproxima da morte.

Keizo: Se assim concluir nossa vida, mestre, a vida humana me parece uma coisa triste e fútil. Bom, qual é a terceira inegável verdade?

Mestre Itsuki: Finalmente, a vida tem limites. Por mais rico ou poderoso que você possa ser, nunca será imortal.

Keizo: De fato são verdades inegáveis. Mas elas nos ajudam para se viver?

Mestre Itsuki: Depende de em quê, meu amigo?

Keizo: É uma boa pergunta.

Mestre Itsuki: Quando essas três verdades erguem-se diante de seus olhos, você se sente desamparado.

Keizo: Até por isso perguntei ao senhor se existe realmente alguma coisa que podemos esperar da vida.

Mestre Itsuki: Desamparado e sacudido, pessoa pode mergulhar em profunda reflexão.

Keizo: Sou como uma pessoa de uma tribo de nômades, com pouco interesse em um lar permanente.

Mestre Itsuki: Certo.

Keizo: Tenho a forte sensação de que qualquer prova ou vestígio do fato de que vivi será levado pelo vento e não restará nenhum sinal de minha existência.

Mestre Itsuki: Isso é algo triste para você, meu jovem?

Keizo: Não sei se é... Enfim, não há nada que eu possa fazer.

Mestre Itsuki: Há muitos anos, pratico uma espécie de exercício da morte. Todas as noites, executando um ritual.

Keizo: Me explique melhor esse exercício.

Mestre Itsuki: Antes de ir dormir, respiro bem fundo e me pergunto se ficaria satisfeito se não abrisse os olhos no dia seguinte.

Keizo: (Em silêncio, pensativo)

Mestre Itsuki: Ainda me pergunto: Se eu não vier a despertar na manhã seguinte, ficaria contente? Ficaria feliz se amanhã fosse meu último dia?

Keizo: (Silêncio)

Mestre Itsuki: Afinal, quando de fato acordo, pela manhã, digo a mim mesmo: “Este é seu último dia.”

Keizo: Certamente é melhor do que nunca sequer considerar o fato de que se vai morrer.

Mestre Itsuki: Fiz a mim mesmo essa pergunta por quatro últimas décadas todas as noites, antes de ir dormir.

Keizo: Por quatro décadas, mestre?

Mestre Itsuki: Assim, tanto a vida quanto a morte passaram a me parecer uma espécie de sonho.

Keizo: Sonho?

Mestre Itsuki: O navio que atravessará o mar da impermanência ainda não partiu. Como se poderia preferir o sono.

